



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

16 19:23

Literatura



Gil Vicente

Auto da Barca do Purgatório



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

Auto da Barca do Purgatório

Gil Vicente

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Do ano de 1518.

Livro Digital nº 926 - 1ª Edição - São Paulo, 2018.

Teatro - Literatura Brasileira.

Gil Vicente

(1465/1466 – 1536/1540)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

AUTO DA BARCA DO PURGATÓRIO



FIGURAS:

ANJO (Arrais do Céu)
DIABO (Arrais do Inferno)
COMPANHEIRO DO DIABO
LAVRADOR
MARTA GIL (regateira)
PASTOR
MOÇA PASTORA
MENINO
TAFUL
TRÊS ANJOS

Esta segunda cena é atribuída à embarcação do Purgatório. Trata-se por lavradores. Foi representada à muito devota e católica Rainha D. Lianor no Hospital de Todos os Santos, da cidade de Lisboa, nas matinas do Natal, na Era do Senhor de 1518.

(Primeiramente entram três Anjos, cantando o romance seguinte, com seus remos)

ANJOS

Remando vão remadores
barca de grande alegria;
o patrão que a guiava
filho de deus se dizia;
anjos eram os remeiros,
que remavam à porfia.
Estandarte de esperança:
ó quão bem que parecia í
o masto de fortaleza
como cristal reluzia;
a vela, com fé cosida,
todo mundo esclarecia;

a ribeira mui serena,
que nenhum vento bulia.

(Entra o Arrais do Inferno e diz)

DIABO

Ah santo corpo de mi,
corpo de mi consagrado!
Como está isso assi
sem ninguém estar aqui
neste meu porto dourado,
agora que está breado
de novo o caravelão,
espalmado e aparelhado,
mais largo bô quinhão
que o passado?!

Quanto mais se chega a fim
do mundo, a todo andar,
tanto a gente é mais ruim;
e juro ó corpo de mim
que já canso de remar.
Cumpre-me de aparelhar
um valente barinel.
Ou uma nau singular,
em que possa mais levar
que num batel.

E não remar senão tal via;
e depois haver carraca,
que cobiça e simonia,
inveja e tirania,
nenhuma delas afraca.
Ala, ala! Saca, saca!
À terra, à terra, mortais!
Cerrar o leme esta banda
e não curar de outro cais;

porque a lei dos mundanais
isto manda.

ANJO

Quem quer ir ó Paraíso?
À Glória, à Glória, senhores!
Ó que noite para isso!
Quão prestes, quão improviso
Sois celestes moradores!
Aviai-vos, e partir,
que, vossa vida é sonhar,
e a morte é despertar
para nunca mais dormir
nem acordar.

Este rio é mui escuro,
não tendes vau nem maneira;
entrai em barco seguro,
havei conselho maduro,
não entreis em má bateira;
que na viagem primeira
quantos vistes embarcados
todos foram alagados:
no mais fundo da ribeira
são penados.

Pois não se pode escusar
a passada deste rio,
nem a morte se estorvar
que é outro braço de mar
sem remédio nem desvio;
e o batel dos danados,
porque nasceu hoje Cristo,
está c'os remos quebrados,
em seco. Ó descuidados,
cuidai nisto.

Agora que a madre pia,
frol de toda perfeição,
está com tanta alegria.
Pedi a sua senhoria
gloriosa embarcação.
Que sua é a barcagem.
pedi-lhe como avogada,
per lacrimosa linguagem,
que nos procure viagem
descansada.

Fala-lhe com alegria,
canta-lhe como souberes,
visita a Virgem Maria,
nossa via, nossa guia,
frol de todas as mulheres.
Quando aqui lhe apareceres
roga-lhe que te apareça
com piedosos poderes,
porque a alma que tiveres
não pereça.

DIABO

Quero ora meter lá vela
e deitar a prancha fora
e arrumar a caravela
E deitar do junco dela.
Se vier qualquer senhora.
E que é isto na má ora?
E o batel está em seco!
Ó renego de Samora!

O rio se encaremelou!
Nunca tal me aconteceu.
Hôu bota, hôu bota, hôu!
Ó renego de San grou
e de San pata do céu!

Arrenego eu do dinheiro
que ganho nesta viagem;
arrenego da barcagem
e do cornudo barqueiro!

(Vem um companheiro do Arrais do Inferno, e diz)

COMPANHEIRO
Parceiro gurgurgarao.

DIABO
Por quê?

COMPANHEIRO
Porque é assi.

DIABO
Ora bota, hõu bota, hao!

COMPANHEIRO
Eu só botara uma nau
com este dedo sem ti;
mas sabe que este serão
é para nós grande praga
e trabalhamos em vão,
porque a promessa de Abraão
hoje é a paga.

(Vem um lavrador com seu arado às costas, e diz)

LAVRADOR
Que é isto? Cá chega o mar?
Ora é forte cagião.

DIABO
Alto, sus, quereis passar?
Ponde aí o chapeirão

e ajudareis a botar.

LAVRADOR

Da morte venho eu cansado
e cheio de refrigério,
e não posso mal pecado.

Diabo

Põe eramá i o arado.

LAVRADOR

Porém esse é gran mistério.
Se eu trouguera mais vagar
sorrira-me eu tamalavez.

DIABO

E vós, vilão, quereis zombar?
Se vos eu arrebatat?

LAVRADOR

Dou-te eu muito de mau mês.
Como eu a morte passei,
logo o medo ficou finto.
Minha cédula amanhei,
e meus negócios deixei
como homem de bom retinto.
Nem fico a dever duas fanas,
nem um preto por pagar.

DIABO

E os marcos que mudavas,
dize, porque os não tornavas
outra vez a seu lugar?

LAVRADOR

E quem tirava do meu
os meus marcos quantos sou

e os chentava no seu,
dize, pulga de judeu,
que lhe dizias tu er então?

DIABO

Foste o mais ruim vilão!...

Bofá, salvanor salvado.
Vós mentis coma cabrão.
Quer me queirais mal, quer não.
Não dou por isso um cornado.

DIABO

Pois por que vens carregado?

LAVRADOR

Porque seja conhecido
por lavrador muito honrado.
E tenho a glória merecido;
que sempre fui perseguido
e vivi mui trabalhado.
Há i, pesar não de São,
Aficio mais fortunado?

DIABO

Pois para que é o vilão?

LAVRADOR

Todos nós vimos de Adão.

DIABO

Pousa, pousa aí o arado.

LAVRADOR

Juro a San Junco sagrado
que te chante um par de quedas.

DIABO

Aqui há de ir embarcado.

LAVRADOR

Vai beijar o meu bragado
entre as sedas.

DIABO

Que vilão tão descortês!

LAVRADOR

E vós sois mui deneguil!
Dou eu já ora ó Decho o freguês.

DIABO

Dom vilão, comigo ireis
onde estão de vós dez mil.

LAVRADOR

E vós, dum rosto de funil.
Cuidareis que sois alguém?

ANJO

Vinde cá, homem de bem;
para onde quereis ir?

LAVRADOR

Queria passar além,
para a glória do Senhor.
Samicas de lá seres?

ANJO

E vens tu merecedor?

LAVRADOR

E que fez lá o lavrador
para andar cá ó través?

ANJO

Pode ser mui austinado
e não querer-se arrepender.

LAVRADOR

Bofá, Senhor, mal pecado;
sempre é morto quem do arado
há de viver.

Nós somos vida das gentes
e morte de nossas vidas.

A tiranos, pacientes,
que a unhas e a dentes
nos tem as almas roídas.
Para que é parouvelar?
Que queira ser pecador
o lavrador,
não tem tempo nem lugar
nem somente de alimpar
as gotas do seu suor.

Na igreja bradam com ele
porque assoviou a um cão,
e logo a excomunhão na pele.
O fidalgo maçar nele,
atá o mais triste rascão.
Se não levam torta a mão
Não lhe acham nenhum direito.
Muito atribulados são!
Cada um pela o vilão
per seu jeito.

Trago a propósito isto
porque veio a bem de fala,
manifesto está e visto
que o bento Jesu Cristo

deve ser homem de gala;
e é razão que nos valha
neste serão glorioso
que é gran refúgio sem falha.
Isto me faz forçoso
e não estou temeroso
nem migalha.

ANJO

Que bens fizeste na vida
que te sejam cá guiantes?

LAVRADOR

Ia ao bodo da ermida
cada Santa Margarida
e dava esmola aos andantes;
benzia-me pela manhã
levava o credo ate ó cabo.

DIABO

Depois tomavas a lã
da melhor e a mais sã
e davas ó dízimo a do rabo.
Temporã.
E o mais fraco cabrito
e o frangão ofegoso,
com repetenado espírito.

LAVRADOR

Ó fideputa maldito,
triste avezimão tinhoso,
lano pecador e errado!
Não, vai, não me dezimei?
Dize, sabujo pelado.

DIABO

Tornaste tu o mal evado?

LAVRADOR

Sim, tornei.

E de tudo fiz aquesta.

Como homem diz, avantaio:

leixei ó cura a enha besta;

abonda que nem aresta

terá comigo o cossairo.

Um anal e um trintaio.

Com raponsos, ladainhas;

a Gil fiz todo repario

com missas de aniversário

trinta dias.

Perol que dizeis vós lá?

Sejo eu como deve ser,

ou que modo se terá?

ANJO

É mui caro de haver cá

aquele eternal prazer.

LAVRADOR

Já o eu lá ouvi dizer.

perol o evangelho diz:

quem for batizado e crer

salvos es: ora dizer.

sede juiz.

Pois *quia infernus es*

nula redencia há i,

vede vos o que dizeis;

que a mim já me pruem os pés

para me passar de aqui.

ANJO

Digo que andes assi
purgando nessa ribeira
até que o senhor deus queira
que te levem para si
nesta bateira.

LAVRADOR

Bofá: logo quisera eu,
que me atromenta este arado;
e dera muito do meu,
pois que já hei de ser seu,
tirar-me deste cuidado.
Ó mundo, mundo enganado.
vida de tão poucos dias,
tão breve tempo passado,
tu me trouveste enganado
e me mentias.

DIABO

Inda esta barca não nada?
Que festa esta para mi!
Nunca tal balcarriada.
Nem maré tão desestrada
nesta ribeira não vi.

(Vem uma regateira, por nome Marta Gil, e diz)

MARTA GIL

Ui! que ribeiros são estes?

DIABO

Venhais embora, Marta Gil.

MARTA GIL

E donde me conhecestes?

DIABO

Folgo eu bem porque viestes
oufana e dando ó quadril.

MARTA GIL

Vedes outro perrexil!
E marinheiro sois vós?
Ora assi me salve Deus
e me livre do Brasil,
que estais sutil.
Em que eu seja lavradora
bem vos hei de responder.

DIABO

Não vos agasteis vós ora,
que, ou lavradora ou pastora,
aqui vos hei de meter.

MARTA GIL

Ui, mana! E quem no deu?
Ide beber...
Que vem vos conheço eu.

DIABO

E eu também vos sei nascer,
e vi fataxas fazer;
que o que trazeis é meu
e há de ser.

MARTA GIL

E que coisas são fateixas?
Fateixado te veja eu!

DIABO

Os feitos que feitos leixas,
e o povo cheio de queixas.

MARTA GIL

Cala-te, almareu de Judeu.

DIABO

Não sabes tu que viveste
lavradora e regateira?

MARTA GIL

Ora comede-la, que vos preste.
Ui! e que gaio é ora este
de ribeira?

Sabedes vós, João Corujo?
Todos fazem seu proveito.
Olhade o Frei Caramujo,
bargante que não tem cujo!
Quanta agora é o feito feito.
Não sabes tu que o respeito
do mundo é em ganhar?
E sobre isso é seu proveito
ou a torto ou a direito
apanhar.

Fui em tempo de cobiça
cada tempo sua usança
se eu morrera de preguiça,
tiveras muita justiça
e eu pequena esperança.
Vendia minha lavrança,
um ovo por dous reais;
um cabrito, se se alcança,
até quatro vinténs, não mais:
tendes vós isto em lembrança?

Um frangão por um vintém,
e uma galinha sessenta;
e acerta-se também

que às vezes vem alguém
que as leva por setenta.

DIABO

E para que era água no leite,
que deitavas ieramá?

MARTA GIL

Mas azeite,
Inda hoje o ele dirá!
Vistes ora o diabreite!

Ó diabo, visses tu.
Bofé asinha o eu direi.
Como é palreiro, Jesu!
fora este cucurucu,
Bom secretário de el-Rei.
Amanhade-lhe o atafal.
Nadar, patas, patarrinhas,
corregede-lhe o enxoval;
onças de raiva mortal.
nas badarrinhas.

DIABO

Valha-te a ti Marta amiga?
Que estamos enfeitçados.

MARTA GIL

Embarcade lá esta figa.

DIABO

Passará esta fadiga,
seremos desembargados.

MARTA GIL

Anjos bem-aventurados,
meterei o canistrel,

Que trago os testos britados?
Carregam estes pecados
que fazem lançar o fel
a bocados!

ANJO

E para que eram eles cá?

MARTA GIL

Para o Demo, e que sei eu?

ANJO

Ora pois, embarca lá.

MARTA GIL

Melhor creio eu que será.

Jesu! Jesu! Benzo-me eu.

Ó Bento Bartolomeu!

E vós, virgem do rosário,
pelo filho que deus vos deu
esta noite vosso e seu,
haja repairo.

Bem sabedes vós, Senhora,
que venho eu manifestada,
e fui vossa lavradora;
em que pecasse alguma hora.
Venha a piedosa alçada.
Esta é a noite que paristes:
benta a hora em que nascestes;
esqueçam meus males tristes
pelo menino que vestistes
e envolvestes.

Anjos, ajudade-me ora,
que vos veja eu bem casados;
não me deixedes de fora,

por aquela santa hora
em que todos fostes criados.

ANJO

Não é tempo cá de orar,
Canta para merecer.

MARTA GIL

Manos, eu quero provar
que em todo tempo há lugar
o que deus quer.

E este serão glorioso
não é de justiça, não.
Mas todo mui piedoso.
Em que nasceu o esposo
da humanal geração;
e a barca de Satã
não passa hoje ninguém,
e por força hei de ir além,
só pena de excomunhão
que posta tem.

ANJO

Grande cousa é oração:
purga ao longo da ribeira,
segura de danação.
Terás angústia e paixão
E tormento em gran maneira.
Isto até que o Senhor queira
que te passemos o rio.
Será tua dor lastimeira.
como ardendo em gran brasio
de fogueira.

MARTA GIL

Ó esperança, esperança,

a mais certa pena minha
com toda esta segurança!
Tu és a mesma tardança
em figura de mezinha.
Ó quem tal arrepender,
tal maneira de penar
lá soubesse no viver!
Ó quem tornasse a nascer
por não pecar!

(Vem um pastor, e diz olhando para a barca do inimigo)

PASTOR

Isto é cancelo ou picota,
ou senefica algorrém?
Não lhe marra ela aqui gota
de ser isto terremota
para enforcar alguém.

DIABO

Queres embarcar, pastor?

DIABO

Entra neste batel.

PASTOR

Irra! pulha é isso, salvanor:
se eu não fora pulhador,
já ela passava o burel.

Digo senhor pesadelo,
(vós sabereis isto bem)
estando em Val de Cobelo
deu-me dor de cotovelo,
emperol morri porém.
E fui-me por esse chão
a deus douche alma dizer,

com meu cacheiro na mão,
sem sóis motrete de pão,
nem fome para o comer
se vem à mão.

E vinha ora bem descuidado
de topar mar nem marinha.
Avonda espantelho honrado,
ao morrer deixei o gado,
e ó amo e quanto tinha.
Se não anda que te vás,
enha mãe nega gritar,
e chorar que chorarás.
Agora quero passar,
porém não me levarás.

DIABO
Por quê?

PASTOR
Sois busaranha.
E mais fede-vo-lo bafo,
e jogatais de gadanha,
e tendes modão de aranha,
e samicas sereis gafo.

DIABO
Gafo eu?

PASTOR
A bem.
Não hei de ir para acajuso,
em que me custe alorrém,
chinfrão ou meio vintém,
ir direito como o fuso
para além.

DIABO

Dize rústico perdido,
fizeste tu por saber
o *pater noster* comprido?

PASTOR

E para que era ele sabido?

DIABO

Por que o havias de dizer.

PASTOR

A quem?

DIABO

A quem te criou.

PASTOR

Al tem ele que comer.

DIABO

Não fizeste o que mandou.

PASTOR

Calai-vos, senhor João Grou:
já sei quem me há de levar,
sei quem sou.

Esta noite é dos pastores,
e tu Decho estás em seco,
e salvam-se os pecadores,
criados de lavradores,
e tu estás coma peco.

DIABO

Digo-te, Pastor amigo,
que foste gran pecador.

PASTOR

Senhor tartarugo, digo
que mentis como bestigo,
salvanor.

fala em tua merencória,
e não fales em passar
e conta lá outra história,
porque em festa de tal glória,
não há ninguém de levar.
Ronca, qués tu pôr começo,
algorrém para beber,
que vens de casta de pego,
e neto dalgum morcego?
Pardicas não pode al ser.

DIABO

Não estou em meu poder
para me vingar de ti.

PASTOR

Não podes nada fazer
na noite que quis nascer
Cristo filho de Davi.

DIABO

Quem te pôs no coração
falares cousa tão boa,
que tu não tens descrição?

PASTOR

E quem te deu a ti lição
de ser tão ruim pessoa?

ANJO

Pastor, tu queres passar?

PASTOR

Este é melhor artesão.

ANJO

Folgarei de te levar
se te ajuda o bem obrar,
que as obras remos são.

PASTOR

Enha mãe mo bradará
que fica no saimento,
e o responso do mamento
e tudo Sá Gil fará
com bom tento.

ANJO

Morreste tu bom cristão?

PASTOR

Que sei eu que vós dizeis.

ANJO

Dize ora o *krieleison*,
Kirieleison, *Cristeleison*.

PASTOR

O *Pater Noster* quereis?
Já eu soube bom quinhão dele:
no *santo faceto* andei já,
e nunca me dei por ele ,
e a *Ave Maria* a par dele
soube eu lá já tempos há.

E fui assi por ela andando
nos *intes vitus* cajuso,
ali andava eu sandejando

esvaecendo e cansando:
então dei à treva o uso.
Assaz avonda ao pastor
crer em Deus e não furtar,
e fazer bem seu labor ,
e dar graças ao senhor,
e fugir de não pecar.

E crer na Igreja assi junta
com paredes e telhados,
aliceres e furados,
e não curar de pergunta,
e dar ó demo os pecados.
Eu nunca matei nem furtei
nega uvas alguma hora
nem nunca mexeriquei,
nem mexericos falei
como lá se usa agora.

DIABO

Vai, vai cantar à gamela
não andavas tu namorado
perdido por Madanela?

PASTOR

E pois que lhe fiz a ela
para dizer que é pecado?
Uma vez armei-lhe o pé
na chacota em Vilarinho
e ainda pola abofé
Costança Anes, que viva é,
me meteu naquele alinho.

DIABO

Não na foste tu esperar
para a danares vilão?
E começou de bradar

que a querias forçar.

PASTOR

Ó fideputa cabrão!
Quisera eu e ela não,
porque a tredora fugiu.
E se isto assi foi ladrão,
que pecado se seguiu,
pois não houve conclusão?

Juro ao corpo verdadeiro
que tu te podes gabar
que casado nem solteiro
não anda tão vil barqueiro
sobolas águas do mar.
Soma, Anjo, eu me enfestei:
Abarrúncio Satanás.

ANJO

Faze o que te eu direi,
e depois embarcarás
e eu mesmo te passarei.
Purga ao longo do rio
em grão fogo merecendo.

PASTOR

E quando parte o navio?
Senhor, se eu não tenho frio,
para que hei de estar ardendo?

(Vem uma Pastora menina, e temendo a visão do inimigo que lhe apareceu na morte, diz)

Jesu! Jesu! que é ora isto?
Ave Maria! Ave Maria!
Que é do meu cão que eu trazia?
Ó chagas de Jesu Cristo

vão em minha companhia!
Eu sonho! triste de mi!
Ó coitada, como tremo!
Minha mãe, valei-me aqui,
Que, quando de vós parti,
não cuidei de achar o demo.

Mais angústia é o temor
do inimigo que o da morte:
tomo a Deus por valedor
pois me cortas e dás dor,
má mazela que te corte.

DIABO
Muchacha, venhas embora.

MOÇA
Mas na negra, pois te vejo
ó desaparece-me ora,
que faleci inda agora
em mui perigoso ensejo.

Porque era moça e cuidei
que da velhice gouvira,
e com tal dor acabei
que de mi parte não sei
nem tenho ponta de sira.
Não sei quem me há de ajudar,
não sei quem me há de valer,
não sei quem me há de passar,
não sei se me hão de matar

outra vez ou que há de ser.
Tira-te diante de mi,
verei os anjos de Deus.

DIABO

Entraí vós filhinha aqui.

MOÇA

Oh cala-te triste de mi.

DIABO

Eu vos levarei aos céus:
entraí minha Policena,
não temais nada, senhora.

MOÇA

Arre lá! uxte morena!

DIABO

Ó minha Rainha Helena,
entraí e vamo-nos ora.

MOÇA

Cala-te cala-te na má-hora!
cuidas que me hás de enganar
por que assi me vês pastora?

DIABO

Entraí, minha matadora,
pois que Deus vos quis matar.

MOÇA

Não vedes vós o quebranto
que se quer pôr em feição?

DIABO

Olhai, flores, não me espanto
que me digais sete tanto:
padeça meu coração.

O porvir e o presente.
Senhora, por conclusão,

não quero de vós somente
senão dardes-me essa mão
se disso fordes contente.
E, se me eu gabar de vós,
má pesar veja eu de mi
e iremos ambos só
onde estão vossos avós
ora entrai ireis aqui.

MOÇA

Jesu! Jesu! raiva na casta!
Comendo ó Decho a amargura!
Mãe de Deus como me agasta!
Má rabugem na tarasca,
espezinhada, triste, escura!

ANJO

Leixo pastora: vem cá.

DIABO

Como estou hoje mofino
e sem dita ieramá!
mas algum dia virá
que eu estarei mais fino.

MOÇA

Ó anjos, minha alegria,
vista de consolação!
Por virtude e cortesia
ensinai-me porque via
passarei à salvação.

ANJO

Conhecias tu a Deus?

MOÇA

Muito bem. Era redondo.

ANJO

Esse era o mesmo dos céus.

MOÇA

Mais alvinho que estes véus:

o vi eu vezes avondo.

Como o sino começava,

logo deitava a correr.

ANJO

Que lhe dizias?

MOÇA

Folgava

e toda me gloriava

em ouvir missa e o ver.

ANJO

Pastora, bom era isso.

DIABO

Era a mor mexeriqueira

Gulosa, que de improviso ,

se não andavam sobre aviso,

lá ia a cepa e a cepeira.

E mais quereis que vos diga?

é refalsada e mentirosa.

MOÇA

Era ainda rapariga.

DIABO

Se tu foras minha amiga

eu me calara tinhosa.

MOÇA

Ó anjos, levai-me já,
tirai-me deste ladrão.

ANJO

Não podes ainda ir lá.

MOÇA

Tão moça hei de ficar cá?
Não parece isso razão.

ANJO

Vai ao longo desse mar,
que é praia purgatória,
e quando a Deus ordenar
nós te viremos passar
da pena à eterna glória.

(Vem um Menino de tenra idade, e diz)

MENINO

Mãe, e o coco está ali!
quereis vós estar quedo com ele?

DIABO

Passa, passa tu por aí.

MENINO

E vós quereis dar em mi?
Ó demo, que o trouxe ele!

DIABO

Bé, mé, filho da puta,
vos estais muito garrido!
Tirar-vos-ão dom perdido
dos olhos a marmeluta.

MENINO

Eu vos tomarei a vós
à porta de minha tia,
entonces veremos nós
os cães de vossos avós
que estavam na mancebia.

DIABO

Bé.

MENINO

Mãe, se ele quer-me comer!
E meu pai não vos dará.

DIABO

Bé.

MENINO

Dona, se lho eu disser...
e ela matar-vos-á:
então ireis a morrer.

DIABO

Bé.

MENINO

Aquele, se eu chamar
o nosso Joane!

DIABO

Bé.

MENINO

Não queres senão berrar?

DIABO

Onde há de ir ou para quê?

MENINO

Fica minha mãe chorando,
só porque me eu vim de lá.

ANJO

Mas fica desvariando,
que tu és do nosso bando,
e para sempre será.

Fez-te Deus secretamente
a mais profunda mercê
em idade de inocente:
eu não sei se sabe a gente
a causa por que isto é.

(Cantando, metem os Anjos o Menino no batel e entra um Taful, e diz o Diabo)

DIABO

Ó meu sócio e meu amigo,
meu bem e meu cabedal:
vós irmão ireis comigo,
que não temestes o perigo
da viagem infernal.

TAFUL

Eis aqui flux dum metal.

DIABO

Pois sabe que eu te ganhei.

TAFUL

Mostra se tens jogo tal.

DIABO

Tu perdes o enxoval.

TAFUL

Não é isto flux com rei.

DIABO

Baralha o jogo e partamos.

TAFUL

Paga que eu não jogo em vão.

DIABO

Lá no frete descontamos:
quer ganhemos quer percamos
tudo nos fica na mão.

TAFUL

Muito m'agasto eu aqui,
que tu tens mui mau semblante,
e pareces-me enfim
por da ré muito ruim,
e maligno por de avante.

DIABO

Mas tornemos a jogar,
porque tenho saudade
de te ouvir arrenegar
e descrer e blasfemar
do mistério da trindade.

TAFUL

Aramá como tu falas
tão senhor desta alma minha.

DIABO

Não sei como agora calas
renegando a soltas alas
de Deus e da ladainha.

Este dia e as oitavas,
por paços salas e cantos,
oh quanta glória me davas,
quando à hóstia blasfemavas
e desonravas os santos!

TAFUL

Quanto eu sempre ouvi dizer:
“quem bem renega bem crê.”
Isto vos faço eu saber,
e quando isto não valer,
entraremos por mercê.
(Vai-se à Barca do Paraíso, e diz)
Haverá cá piedade
dum homem tão carregado?

ANJO

Mas infinda crueldade,
que ofendeste a majestade,
renegando seu estado.

TAFUL

Vedes que estava ocupado
na grã perda que perdia.

ANJO

E Deus que culpa te havia,
Taful mal-aventurado,
sem valia?

Renegar tão feramente
da imperatriz dos céus!
ó pranta de má semente,
arderás no fogo ardente
com toda a ira de Deus.

TAFUL

Má nova é essa para mi.
Se assi for como dizes,
digo que eramá cá vim.
Porém esperai-me assi,
falarei tamalavez.

Deus não quis hoje nascer
por remir os pecadores?

ANJO

E pois que queres dizer?
Que só com o seu padecer
se salvam renegadores?

TAFUL

A pernetta me forçou,
que era senhora de mi.

DIABO

Mente, que ele se incrinou:
nunca estrela renegou,
nem tal há i.
Sempre jogava o fidalgo,
bispo escudeiro ou que é.

COMPANHEIRO DO DIABO

Mestiço de cão e galgo.

ANJO

Tomai-o dai-lhe de pé.

DIABO

Nosso é.

TAFUL

Estai, inimigos! Senhores,

deste santo nascimento
não terei alguns favores?

ANJO

Tafules e renegadores
não tem nenhum salvamento.

(Saem-se os diabos do batel, e, com uma cantiga muito desacordada, levam o Taful. E os Anjos cantando levam o Menino, e fenece esta segunda cena)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com